

A cultura Hip Hop “invade” o Centro Cultural dos Povos da Amazônia (CCPA)

Sidney Barata de Aguiar*

O trabalho apresentado tem o objetivo de demonstrar uma dimensão visual da cultura Hip Hop na cidade de Manaus, capital do estado do Amazonas. É bom ressaltar que enveredo pelo desenvolvimento de uma antropologia da imagem posta como metodologia de pesquisa que compõe um considerável universo imagético desta cultura de rua em foco nos meus estudos atuais. No entanto, neste momento, a intenção é oferecer ao leitor um breve ensaio fotográfico que pretende circular no interior e além dos muros das universidades.

A cultura Hip Hop é formada por quatro elementos artísticos básicos (*breakdance*, rap, *deejay* e graffiti) e apresenta uma longevidade de quatro décadas de existência. Inicialmente, foi criada e produzida nas ruas de grandes cidades norte-americanas (Nova Iorque e Los Angeles) por jovens afrodescendentes, latinos, caribenhos e não demorou para chegar como novidade em terras brasileiras em meados da década de 1980.

Nos Estados Unidos da América, a cultura Hip Hop em sua gênese teve um papel fundamental na tentativa de minimizar os confrontos violentos entre gangues de rua e empreende um enfrentamento direto contra discursos e práticas discriminatórias e/ou racistas na década de 1970 do século XX. Atualmente, a música rap movimenta uma gigante indústria e um mercado milionário pela venda de registros fonográficos e clipes musicais nas plataformas de compartilhamento de vídeos mais acessadas do planeta.

A cultura Hip Hop vem sendo adotada por uma parte da juventude manauara desde os anos 1990 e sua presença sonora, corporal e nas artes plásticas são percebidas, principalmente, nas áreas mais afastadas e periféricas do município. No início da referida década foi necessário reunir todos os envolvidos e iniciar o projeto daquilo que em 1994 seria o Movimento Hip Hop Manaus (M.H.M). A rotina de eventos e

* Doutorando do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

E-mail: sidneybaratadeaguiar@gmail.com

apresentações ganharia musculatura e diversos grupos, coletivos e artistas solo começam a ganhar público e notoriedade.

Minha militância no Hip Hop começou como poeta, contista na literatura e compositor da música rap neste período descrito acima. A arte sempre esteve e continua próxima das minhas atividades acadêmicas e do exercício do magistério. Venho há alguns anos escrevendo, fotografando e desenhando conteúdos ligados diretamente ao Hip Hop na cidade de Manaus. Exercitando trabalhos extremamente interdisciplinares nas áreas visuais, audiovisuais e literárias.

São registros e aspectos fotográficos importantes para a escrita do meu trabalho de doutoramento que versa sobre a existência de um possível Hip Hop amazônico. Esta verdadeira radiografia contemporânea do Hip Hop em Manaus está em pleno desenvolvimento no âmbito do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

Utilizando a câmera fotográfica de um telefone celular *smartphone* para captar imagens e vídeos de um dos maiores eventos culturais ocorridos em nossa cidade antes do período pandêmico e da proibição de aglomeração de pessoas, principalmente em espaços públicos. A escolha da utilização desta tecnologia móvel é sua possibilidade de ser levada pelos seus usuários para qualquer ambiente e local, além da disponibilidade de acesso à *internet* para pesquisas instantâneas e encaminhar as fotos, áudios, vídeos e diversos conteúdos imediatamente para mídias sociais, grupos de pesquisas e diários de campo virtuais.

O Encontro Hip Hop do Norte (EH²N) ocorreu em dois dias (29/02 e 01/03/2020) e “invadiu” os espaços físicos do Centro Cultural dos Povos da Amazônia (CCPA), localizado na região do Distrito Industrial I (antiga Bola da Suframa). O CCPA é um espaço para a difusão e valorização de conhecimentos e informações produzidas na região conhecida como Amazônia Continental que engloba os seguintes países: Brasil, Bolívia, Peru, Colômbia, Equador, Suriname, Venezuela, Guiana e Guiana Francesa.

A juventude ligada ao Hip Hop participou destes dias repletos de muita arte urbana e não deixou de dar o seu recado para adeptos e eventuais visitantes. Neste evento houve aulas de dança de rua, rodas de *breakdance*, rodas de conversas, vendas de roupas e guloseimas, oficinas de graffiti, apresentações de música rap e a participação de muitos expoentes do Hip Hop brasileiro e representantes locais.

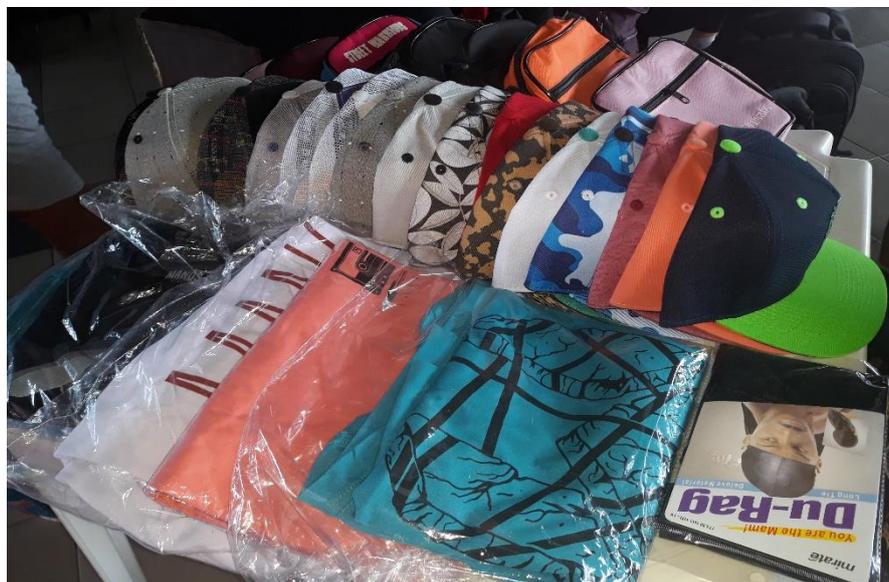
Tais registros fotográficos podem e devem ser consumidos e apreciados sem nenhuma moderação. E, como bradam Thaíde & Dj Hum: “vamo que vamo que o som não pode parar!”.

Figura 1 - Aspecto do Centro Cultural Povos da Amazônia (CCPA)



Fonte: Sidney Barata de Aguiar (2020).

Figura 2 - Roupas, bonés e bandanas que foram vendidas no evento



Fonte: Sidney Barata de Aguiar (2020).

Figura 3 - Telão digital



Fonte: Sidney Barata de Aguiar (2020).

Figura 4 - Toca-discos



Fonte: Sidney Barata de Aguiar (2020).

Figura 5 - Preparando a roda de Breakdance



Fonte: Sidney Barata de Aguiar (2020).

Figura 6 - B.boy treinando



Fonte: Sidney Barata de Aguiar (2020).

Figura 7 - Roda de Breakdance



Fonte: Sidney Barata de Aguiar (2020).

Figura 8 - B.boy dançando



Fonte: Sidney Barata de Aguiar (2020).

Figura 9 - O autor e seu filho Tales Aguiar



Fonte: Sidney Barata de Aguiar (2020).

Figura 10 - Dança de rua



Fonte: Sidney Barata de Aguiar (2020).

Figura 11 - Aquecimento dos dançarinos e dançarinas



Fonte: Sidney Barata de Aguiar (2020).

Figura 12 - Fotografia dos participantes



Fonte: Sidney Barata de Aguiar (2020).